

O CONDOR

Publicação Semanal

Redactor-Chefe

LUPERCIO CAMARGO



SILVINO MARTINS, OLIVEIRA B. FILHO
ROBERTO MOREIRA

EXPEDIENTE

O CONDOR

ASSIGNATURAS MENSUAES

Para o Gymnasio Diocesano. . . . \$500
Para fóra. 1\$000

Pagamento adiantado

Toda a correspondencia relativa ao «O CONDOR» deve ser dirigida ao Redactor-chefe: Lupercio Camargo

—Gymnasio Diocesano—

COLLABORAÇÃO

Podem ser collaboradores do «O CONDOR» todos os alumnos do Gymnasio Diocesano.

Representantes do «O CONDOR»:

Em S. Paulo, Sr. Roberto Moreira, Gymnasio Diocesano.

Em Santos, Sr. Antonio Pires de Moraes, Caixa Postal n. 235

Em Amparo, Sr. José Sertorio do Valle.

Em Guaratinguetá, Sr. Mario Marques Pinto.

Em Queluz, Sr. Lycurgo de Carvalho.

Pedimos aos srs. que receberem «O CONDOR», e não querendo assignal-o, o obsequio de nol-o devolverem no prazo de 7 dias, passado o qual, são considerados nossos assignantes.

O Condor

Da officina intellectual de uma mocidade estudiosa sae, neste dia do maior e mais espontaneo jubilo, o periodico que toma o macronismo de *Condor*.

Feliz tempo esse, de sonhos e projecções imaginosas, em que a idéa juvenil revestindo-se desse manto vessatil de auras deslumbrantes ou de tardes fumarentas, faz d'es es baptismos arrojados.

Condôr... é o nome de um soberano alado que domina as regiões inaccessíveis dos Andes.

Quando a luz esbate nas arestas do gelo eterno, illuminando o dorso rochoso da Cordilheira, dos abruptos penedos sae o solitario rapineiro, em busca da presa esquiiva.

Desprevenido o rebanho de lhamas pasce na gramma orvalhada da encosta; os rios, que brotam da grande montanha escachoam, descem e formam o leiteiro que se vae abrindo para o Oriente, e enquanto os vapores polycromos vão deixando em claro a superficie das aguas as garças voão em bando até ás cascatas da grande serra.

Flecha o Condôr por sobre o bando empolga a candida garça, e, ao subir ás culminancias do gelo, cáem desfeitas as alves pennas brincando á luz do sol oriente... E' a morta que sorri deante da vida.

Sois moços e no paiz da vossa imaginação ha os andes dessas perspectivas que o fogo do patriotismo illumina nas manhãs sonhadoras, como são as da juventude.

Tendes um «Condor» amante e penas, que não deixará cairem as penas de vossas mãos, mas que ha de ardirigil-a amestrando-as até que rebalhem á luz de um sol desejado-a gloria do futuro.

Griphus (character de impressão) é o nome que os naturalistas deram ao Condôr, talvez porque, quando esvoaçava nas alturas andinas, as sombras de suas azas phantasiassem traços progusticos na vastidão da plunicie Sul Americana.

Sejam vossos braços como az azas do Condôr, e, trabalhando em prôl da Patria desenhe a flamma do amor sobre o solo Brasileiro, não as sombras de uma phantasia evanescente, mas o pe-o e a idéa da raça latina.

Salve Condor! Auras benedictas, te favonieem.

Ultimo-Adeus

Soneto

Vou partir... Não levo destino
Errarei pela terra inteira
Até de alguma aldêa o sino.
Chorar minha hora derradeira.

Mas quero antes de me ausentar
Laura, beijar os labios teus
Quero teu busto ao meu chegar
E dizer-te meu triste adeus,

Laura offereceu-me confusa
Tão bella qual uma andaluza
Seu busto lindo e os labios seus

Então eu corando de psjo
Cingi-a e lhe dando um beijo
Disse: „Crê no céu e... Adeus,,

V.B6AS

S. Paulo, 1903

O dia de hoje

A penna humilde, mas eminentemente patriótica que a esmo vae traçando estas linhas, quisera revestir-se de purpura, e cobrir-se dos europeis faustosos, ao voltar a pagina da brazileia historia, que assignala o despertar da nossa nacionalidade na fulgente aurora da liberdade.

Ella quisera insinuar-se nos periodos pomposos onde o rendilhado d'um estylo rutilo se consorcie com a porporea confeição das imagens, para entoar a melopeia d'esso poema quasi divino escripts pelo patriotismo d'um povo inteiro no seu justo anhelur pela liberdade, ás margens do arroio Ypiranga, quando o sol descambando para o poente, bordava com suos ultimas e aureas scintillações, os cimas alcantiladas das serranias do Pindorama, poema á cujo desdobrar de paginas, o Brazil inteisos se levantava ativo, entoando festivo essa divinisada melopéa, que como a canção de Rouget de l'Isle, annunciara a queda do despotismo, e o consequente advento d'uma nacionalidade que do seu jugo se libertara.

Que importa porem ao escriptor que vae traçando estas linhas, a fraqueza manifesta da sua penna, si elle é tambem brasileiro; si elle nasceu a sombra d'estas selvas gigantescas, onde o homem primitivo, o homem genuinamente brasileiro, atravessava sereno e impavido levando em suas mãos a setta hervada, e o tacape terrível, promptos, á despejar a morte sobre os inimigos do Pindorama.

A fraqueza de minha penna é grande não nego, maior porem, é o amor pela minha patria que dentro em meu peito vive, amor cuja chammas ardentes se estendem em mascara intensidade pelos recantos de minh'alma, chammas identicas ás que outr'ora se atearam no peito dos antigos levitos na intensidade do amor pelas suas creanças.

Pois bem, eu deixando hoje o indifferentismo natural da minha personalidade obscura, faço causa commum com os rapazes que n'esta casa vrvem, e com o fraco contingente de minha opressa intelligencia, atiro este nota pouco melodica em meio da harmonia que não posso acompanhar.

Salve pois o dia 7 de Setembro, que se não foi tudo, foi ao menos o prologo d'essa grande obra que teve seu epilogo n'aurora fulgentemente bella de 15 de Novembro.

SILVINO MARTINS.

Scismando...

A' SILVINO MARTINS

Por uma d'essas tardes de primavera, quando o sol em pallidos reflexos dardejava os seus raios derradeiros, por sobre a cupula verdejante dos arvoredos; quando o sabiá, esse mavioso cantor das mattas do Pindorama, mudulava ao som do bandolim da saudade, esse seu anto c que é a mais viva expressão da melancholia e da tristeza; quando na orla da floresta a jurity saudosa arrulhava tristemente, chamando talvez pela companheira auseute; quando a brisa té-

pidada d'essa tarde, fazia farfalhar as folhas na cupula dos palmeirões, scismava eu á sombra de um bosque onde as magnolias prestes a desabrochar, espargiam ondas de suavissimo olor, recordando o meu passado de venturas em face d'um presente semeado de desenganos, ensopado de lagrimas e rendilhados pelos gemidos do martyrio.

No revoltoso oceano de minh'alma, debatiam-se convulsivamente essas duas epochas de minha existencia, mas em meio do fragor tempestuoso d'essa tormenta intima, levantava-se como o anjo da bonança a imagem consoladora da minha carinhosa Mãe, mostrando atavéz da finura rosea dos seus labios, o desabrochar d'um sorriso tão puro como a flor de nenuphar, aviventada pelos osaculos da aurora, e, diante d'esse sorriso, estrella bemfazeja, meu coração revificou-se aurindo a ambrosia do prazer.

JOSÉ NOGUEIRA DA SILVA.

Desalento

A Roberto Moreira.

Como o flôr que no prado se expira
Por falta do orvalho protector,
Assim também minh'alma delira
Já não ha esperança, já não ha amor.

A briza no seu passar suspira:
«Não deploras, coragem, cantor,
Ergue-te, animo, toma tua lyra
E vae ao luar tuas maguas expor.»

Sim, vou. Quem sabe se ella me aspira
Canções p'ra disfarçar minha dos,
Juncto pois, ao riacho que suspira
Entoarei meus canticos de amôr,
E nos sonoros trenos da lyra
Vou os meus soffrimentos depôr.

LUPERCIO CAMARGO.

S. Paulo, 9-6-903.

ALVÃO DA IMPRENSA

Mais um filho dilecto da imprensa,
Ave implume que a pouco nasceu,
Abre o vôo num mundo que pensa,
Abre as azas num ninho tão seu!

Creançinha tão n'va com creça,
Filh'inho, que nome é o teu?
Eu me chamo Condor; complacença
Para um filho que nunca escreveu.

Abre as azas, procegue, não cáias,
Vê se sobes as alt'alaias,
Nunca um filho da imprensa é demais;

Se és pequeno segui outros trilhos,
Pois os paes que também foram filhos
Tem os filhos também como paes.

PERSIO GOULART

O Poeta

Luctam as flores, discutem os passaros, sus-surra o vento, quando do seio de um povo civilisado surge um ente, dando a uns a luz do seu talento, o outros a melodia de seus versos.

Todos os seres da natureza se concentram e disputam a habitação recamada de oiro, isto é o coração do ente que chamamos — poeta: as arvores deixam a mudez habitual e exclamam: vêde meus galhos, minhas folhas que dão abrigo ao viandante exausto de um caminhar continuo e recebei-as.

As flores apparecem no cimo do seu pedun-

culo, trazendo um colorido mais brilhante nas petalas, zobre as quaes o beija-flor pairando, acaricia com as azas ligeiras.

Os insectos zumbindo vêm pousar nas corollas das flores, matizando-as e levando os seus elementos.

Os passaros cantam em tons mais sonoros e em trinados mais variados, parecendo quere-rem attrahir o coração amigo que chega á terra para amar a sorridente natureza, que se manifesta grandiosa.

O sol emergindo d'um oceano de fogo, manifesta-se resplendente de luz, dando alento ás flores, aos passaros que o saúdam, estes com seus cantos, aquellas com o desabrochar.

A lua surge na esphera celeste, emanando raios que vão pratear as folhas dos arvoredos, que soberbos se levantem nas planicies formando o que se chama floresta.

As estrellas lançando um olhar á terra, entoam um psalmo de alegria, que se reproduz no vento que choroso percorre o espaço.

Tudo se regosija.

A terra com o seu manto multicolor exclama: bem vindo seja o amante da natureza e as estrellas respondem: bem vindo seja.

CANDIDO GONÇALVES ROCHA.

S. Paulo, 2 de Setembro de 1902.

Salve Condor!

Vens a tona do mar do pensamentos
Em radiações esplendidas de luz
Salve condor! ave aurea do momento
Que intelligencia fulgida produz.

Juncto de ti, com gran contentamento,
Curve-me, qual Maria ao pé da cruz
Que já então, era solido incremento,
Da religião fulgente de Jesus.

És o phanal brilhante d'uma creença
Que a nós outros vem mostrar o grande trilho
Por, onde segue o sol da nova imprensa

Vens radiante, esplendido doirado
Do ninho do saber, do qual és filho,
Como Jesus: já então ressuscitado.

SILVINO MARTINS

S. Paulo, 2 de Setembro de 1903

SONETO

A. L. Camargo

Quando me levar a morte
A' região desconhecida
Não lamentem minha sorte
Porque la também ha vida

Quando meu corpo baixar
Ao fundo da sepultura
Não peço a ninguem chorar
Minha triste desventura.

Que gravem quero somente
Sobre a tumba estd inscripção;
„Lydia pura, innocente,„

„A quem dei meu coração,„
„Por me trahires consente,„
„Que te deixe meu perdão.

V. BÔAS

S. Paulo, 1903.

Sete de Setembro

Ainda resôa pelo espaço, o echo d'um grito que rolando pela amplidão, foi gravar em letras de luz, no azulino ceo da nossa Patria — Independencia ou Morte.

Commemora-se hoje a data, que uma auri-fulgente bandeira, foi levantada entre o ceo e a terra da nossa Patria, annunciando-a independente, esse elemento grandioso, ainda que fosse a custo de sabres e carabinas.

As aves que gorgeavam nas florestas, a aragem que embalava as flores, tinham liberdade, esta no seu vagar continuo, aquellas em seus cantos e no entanto um paiz, que era berço de José Bonifacio e que seria de muitos homens illustres, que não trepidariam em derramar sangue pela redempção da Patria, achava-se sob o dominio d'uma nação que mandava e desmandavam que seus filhos podessem se intervir.

E' justo, é de um coração leal, que um povo capaz de dirigir seus designios atravez dos tempos, de todas as difficuldades, podesse dizer: sou livre e trabalho em prol de minha Patria.

Por certo que nada maculará a memoria do poderoso rei que nós proclamou independente.

Pedro I, foi destinado para governar o Brasil e não Portugal; portanto era justo que elle, almejasse a felicidade d'esse povo leal, patriota e que por elle isto é pela sua redempção já as plagas Mineiras haviam sido, banhadas pelo sangue de um martyr que galgou os degrãos do patibulo.

Sendo hoje a data d'esse portentoso facto, que assignal-a a historia; lembremos do antepassados que para elle concorreram e desenrolemos a nossa bandeira independente e cubramos seus tumulos.

S. Paulo, 6 de Setembro de 1903.

CANDIDO ROCHA JUNIOR.

A cidade de Queluz

A' MOYSES DE CARVALHO

Esta cidade não é uma das mais bellas do glorioso Estado de São Paulo, mas em clima é uma das melhores. Quem largar a Capital e por lá andar alguns dias, hade ter saudades, quando volver, avistando de longe a magestosa serra da Mantigueira, e, vendo o rolar manso das aguas do Parahyba, hade sentir também no longinquo horizonte de seu peito o ultimo echo das saudades, que parecem rolar com as ondas do oceano de sua alma.

Quando para lá parti, pensando, que tudo era triste, enganei-me!... Quem viver mettido nas regiões, e, querendo dispersal-as, deve ir ver a patria do talentoso engenheiro Dr. João Garcez, e suas fristezas voarão para bem longe e a passarada saberá confundil-as com seus gorgeios maviosos. Lá a lua não beija o mar, como beijava na terra do poeta, mas beija a serra da Mantigueira, que ostenta-se garbosa, como que admirando as manifestações feitas pelos passaros, que são seus filhos. Quando a mão da natureza vem mansamente, estendendo o manto negro do noite sobre a terra, a nossa alma, como que também envolvida pelo manto da tristeza, manto tecido talvez, pela mão habil do pensamento, parece dormir esperando o dia seguinte!...

Ao amanhecer, o sol das recordações do dia passado, vem surgindo bello atraz do horizonte do nosso peito, fazendo seccar o orvalho das saudades cahido sobre nossa alma, e, então, alegres, confundindo nossa alegria com o cantar dos passaros, saudemos com ellas a cidade de Queluz, a patria do Dr. João Garcez!...

JOSÉ NOGUEIRA DA SILVA.

7 de Setembro

Ainda hoje repercute nos corações dos brasileiros, o grito «Independência ou Morte», soldado pelo heroico e inolvidavel Pedro I, junto às margens do Ypiranga.

Esse grito representa a nossa libertação do jugo portuguez, symbolisa a fundação da nossa Patria, a creação de um novo paiz independente.

E esse paiz que se fundiu pela bocca de um Principe, a 7 de setembro de 1822. é o Brasil cobigado e admirado pelos estrangeiros.

Esse paiz que de momento desfardado ao mundo a sua bandeira independente, é a Patria dos Brasileiros, que no dia de hoje esquecendo-se das paixões politicas, calam-se para escutar religiosamente, a voz do patriotismo, que glorifica o nome venerando e libertador de Pedro I.

O nome de Pedro I deve ser venerado no Brasil, como é o de Washington, nos Estados Unidos.

Mas no entanto, ja uma vez quizeram arrancar a estatua d'aquelle Principe, do Largo do Rocio, no Rio de Janeiro.

Não conseguiram porém, arrancar o seu nome das paginas da historia, nem tão pouco dos corações dos brasileiros patriotas.

São Paulo, 7-9-903.

ROBERTO MOREIRA.

CASTRO ALVES



Dorme, repousa sonhador divino,
Já, que assim quiz o barbaro destino,
Mas o teu nome oh! poeta Brasileiro!
Vive, e viverá sempre altaneiro.

Hoje, anniversario de tua morte,
Ouvi do meu peito o echo forte
Poeta, que descanças na campa fria,
Porti rogando à Virgem Maria.

Oh! que desgraça! que fatalidade!
Morreste Poeta ainda na flôr da idade
Quando teu peito começava rir.

Hoje, resta-te mudo e solitario
Sob teu frio tumulto mortuario,
Tua tragica e triste sina cumprir.

S. Paulo 6-7-903

LUPERCIO CAMARGO



Martyrio

A Lupercio Camargo.

Ha no livro da minha existencia, triste e enlutada pagina, sobre a qual meu coração se despeta em lagrymas. Sim! todas as vezes que me lembro d'essa virgem encantadora, objecto primeiro dos meus sonhos de moço, tão cedo arrebatada pelas garras horridas da morte, do seio dos que amavam-n'a desveladamente, sinto deslizar-se-me pelo rosto algidas lagrymas, flores d'alma, arrancadas pelo infortunio, do jardim do coração.

Auizze annos contava eu, de florea e descuidosa vida, que desabrochava ridente na plenitude de sua primavera, quando encontrei na estrada, até então rosea da vida, uma virgem, ou

antes, o prototypo vivo da formozura e do amor.

Esther, era o nome d'essa deidade de olhos negros e penetrantes, de bastos e anelados cabellos, em cujas ondulações, singrava outr'ora, o batel dos beijos meus. Encontramos-nos n'essa idade risonhamente bella, em que tudo se nos apparecia através d'um prisma encantador, e os nossos corações unificaram-se no elo inquebrantavel d'um amor immenso. Esther amou-me com vehemente ardor, e na pureza dos seus affectos sentia jubilosa quando me via feliz, e triste quando me via soffrer.

Eu tive por essa mulher ideal, uma veneração estranha, e, era no nectar delicioso dos seus sorrisos ternos que eu buscava alento quando sentia o desanimo apoderar-se de mim; era n'essa fonte perenne de affeições ternas que buscava o refrigerio para as minhas desditas, o balsamo para as minhas affeições.

Mas, um dia o relógio da fatalidade marcara a hora derradeira das nossas venturas, porquanto, cruel fermidade, derrespeitando o debil corpo da fragil donzella, o conduzira no fim de poucos dias para o paiz ignoto da eternidade.

Na tristonha manha em que o espirito de Esther se desprendera do involucre material que o encerrava, para acolher-se a eterna morada dos justos, recebi uma carta por ella firmada, porém, escripta pelo punho d'uma sua amiga, d'uma confidente talvez, e essa missiva que ainda hoje conservo como reliquia sagrada, era um adeus pungente e dilacerante dicto das portas sombrias da eternidade; era o grito melancholamente doloroso d'um coração de virgem, cujas esperanças foram sepultas pelas inexoraveis mãos da fatalidade.

Roxa saudade acompanhava essa triste missiva que terminava assim: «Envio-te esta pobre flôr, ultima d'adiva d'um coração que te amou em vida, e do que o ultimo suspiro será por ti; vae a tardidha ao cemiterio levado o juncto ao coração, e orvalha o branco mormore do meu sepulcro com as ardentes lagrymas d'uma saudade que seja infinda.»

Quando, por entres ondas de pranto, meus olhos pausaram na phrase derradeira d'esta missiva infausta, a voz funebre dos sinos annunciava que a virgem já não existia, e que seu espirito vôava pelo além afóra, nas azas brancas d'um cherubim.

Esther já não existia! E desde então meu amigo, tenho arrastado sosinho os pesados grilhões do martyrio, no infecto carcere do mundo.

S. Paulo, 2 de Setembro de 1903.

SILVINO MARTINS.



CONSTANCIA

A' PERCIO GOULART.

Sangrento, lento, vou carpindo indo
O desgosto, a dôr que me deste oh! Bella!
Calado ao lado da funesta mesta
Desdita crua, funeral procella!

Pungente quente é o meu soffrer em vêr
Desprezado e esquecido o meu amor primeiro.
A formosa rosa que infeliz me quiz
Será p'ra sempre men eternal cruzeiro.

Um feral punhal tem o meu peito feito
Um oceano, um rio de martyrio e dôr.
Ardeate crente, vou adorando amando
Em sepulchral silencio o meu já ido amor.

O fragor do amor que me consome dorme
Immovel, firme no meu peito amante.
Ainda oh! linda! sem porvir possuir,
Minha crença é firme, meu amor constante.
S. Paulo, 29-3-903.

LUPERCIO CAMARGO.

Amor Materno

A. Silvino Martins.

Nas horas mortas da noite
Num cemiterio isolado,
O vento do descampado
Passava qual duro açoite!...

Envolto em flores sylvestres
Uma tumba dormitava,
N'elle na moça resava
Ao soluçar dos cyprestes!...

Sobre a alva lousa olorosa
A pobre mãe lacrymosa
Copiosa pranto verteu,

Emquanto as plantas com dores
Cyprestes, caudias flores,
Todos dizião: — morreu!...

A. S. C.

S. Paulo 15 de Junho de 1903.



Crê e Espera

A' Silvino Martins.

Porque não crês? Pensas que a minha
amizade é falsa como o sorrir da aurora?

Julgas que sou volúvel como o colibri que
adeja de flôr em flôr?

Porque não crês? Calculas a atroz melancolia
que me paira n'alma, quando me
dizes com indiferença — não creio!...

Porque não crês? Porque me deixas cheio
de desesperança? Porque submerges o amor
que te consagro n'esse fel, que não passa de
ironia para o meu coração penalizado?

Não crês que a minha alma acompanha
os teus pensamentos como uma constellação
atrahida por um astro de primeiro brilho?

Não crês, que o teu amor nasceu em meu
peito como nasce um botõesinho de rosa
n'um madrigal de primavera?

Não crês, que és a unica estrella que me
aponta a senda da felicidade?

Não crês, que leio teu nome no céu, nas
fôres e nas estrellas?

Esse nome escripto pelos anjos celestes
nos doirados livros do amor!

E não crês? Pois quando em morrer, abro
o meu peito, que o veras traçado indelevel-
mente em cada laivo do meu coração.

Ah! meu Deus! no momento cruciante da
partida, cheio de pranto, verei a ingrata
ausencia separar-me de ti; verei o teu vulto
esvaeccer-se, como a imagem de um sonho
interrompido.

A distancia separará o teu saudoso olhar
do meu, que ficará sem brilho e marchetado
de lagrymas; porem não separará a nossa
amizade que se acha ligada por um vinculo
perpetuo.

E ainda não crês? Tira de tua alma, cuja
tristeza perdura, essa duvida, esse immenso
mysterio, e crê n'estas juras, n'estas palavras
verosimiles.

E, porque não queres esperar?

Não vês o jardim arido e sem viço, como
espera a donosa primavera para enfeitar-lhe
de fôres perfumando-o?

Não vês, como o lyrio das campinas, após
ter supportado os ardentes raios de sol,
espera o orvalho que lhe ha de viçar as
petalas e lhe dar alento?

Espera, que um dia a realidade, exterminando
de tua alma a desconfiança que de
mim teus, mostrar-te-a, a verdade, como a
linda estrella, que, surgindo do meio de
densas nuvens, mostra ao nauta que navega

nas ondas brevias do Oceano — a salvação,
o ponto desejado!

Divina e soberana diva, crê e espera, p' is
bem cedo, verão o nosso doirado e almejado
porvir aureolado pelo sonho azul dos lyrios,
semeado de imagens e fulgurantes de
estrellas...

OLIVEIRA BRAGA FILHO.



PARTIU...



Ao *Maysés de Corvalho.*

Ella partiu deixando-me sosinho,
Na, outr'ora ri-onha habitação;
Qual jurity no desolado ninho
Triste ficara meu pobre coração

Ella partiu na florea primavera
Na epoca fulgente da illusão
Quando mais vive a rutila chimera
D'uma primeira e virginal paixão

O ridente casebre d'outr'ora—
Deserto, ao partir ella deixou—
Sem ella cloroso vivo agora

Porem se um dia regressar cantando
Morto verá o amor que desprezou,..
E junto d'elle um coração penando.

SILVINO MARTINS

S. Paulo 12 de Maio de 1903

A CAVERNA DOS SALTEADORES

CAPITULO I

A taberna calabres

— Onde se vio um vagar semelhante,
exclamou Horacio Cleveland passando a
cabeça pela portinhola do carro que
dois magros cavallos puchava em um cam-
minho calabres. — Eu creio que este co-
cheiro adormeceu; seu chicote fica im-
movil; oh! se eu o tivesse nãs mãos co-
mo me serviria bem delle!

Em falta de chicote, o moço servia-se
de sua lingua para dirigir ao cocheiro
todas as injurias que elle conhecia, ajun-
tando-lhes a ordem de fazer tomar a seus
cavallos um passo mais rapido.

SONHANDO

A *Supercio de Camargo*

Vi no claro espaço alegres revoando,
De brancas azas anjos que do ceu deceiam,
Em suas niveas delicadas mãos traziam
Flores cheirosas... de amor desabrochando...

Um cherubin desprendendo-se do bando,
Apresentou-me um calice perfumado
Dizenpo: « bebei poeta os dias do passado;
« Que nos versos teus sempre estaes cantando».

Mues labios ardentes no calice encostei,
E um nectar puro, inebriante traguei
Lembrei-me dos dias que amava e era amado

Das tardes alegres da minha adolescencia,
Lembrei-me da minha gentil innocencia,
Lembrei-me enfim dos dias do passado'

R. MOREIRA

SONHAVA!...

Quando as campas sepulchraes visito,
E a noite é pallida deserta,
Minh'alma loucamente incerta,
Ouve o domitar dos do infinito!

De branco a tumba fria se reveste,
Vapores azues a terra esxla,
Triste silencio e a brisa falla
Nas verdes ramagens do cypreste!

Um profundo suspiro a terra escôa,
Os mortos respiram mansamente,
O morsego as arvores pavôa;

Tudo quedo, geme ternamente,
Uma só branca tumba sem corôa
Não dormia, sonhava docemente!...

GERSIO GOULART

Passatempo

CHARADAS NOVISSIMAS

1. A desinencia uniforme martyrisa o poeta-2-1-
2. Esta consonante brilha no sobre-nome-1-2-
3. Por favor, de pressẽ com o preambulo-1-2-
4. No fim da igreja, no começo da cadêa ha uma fructa-1-1-
5. Em Roma a mulher faz peregrinação-1-3-

LUPURCIO CANARGO.

ENIGMA TYPOGRAPHICO

MI ZO

ENIGMA TYPOGRAPHICO EN LETRAS

1. AT LISOOASIDA
2. AEEDAD. IDOE

LUPURCIO CAMARGO.

QUEBRA CABEÇAS

ENIGMAS TYPOGRAPHICOS

BU

$\frac{2}{t}$

NE DA

Vida Nocaciper.

CHARADAS

- I Em Marrocos e em Portugal ha alegria-1-2.
- II Em favor do cume está a creatura humana-1-2.
- III O grande botanico estudava a flor-2-2
- IV O descendente de Noé prende o animal-1-2.
- V Por meio desta planta obtem-se esta loja-1-3

BISADAS

- VI 3—Esta planta SE acha no vestido—2
- VII 3—Qual é o arbusto que RI do soffrimento—2
- VIII 4—O que é real passa ALEM d'este sulco—2

Vida Nocaciper.

S. Paulo, 7-9-903.

Quanto eu estimaria não ter vindo a esse triste e selvagem paiz. disse a Sra Cleveland com uma voz queixosa quando seu filho tomou seu lugar no fundo do carro; foi uma verdadeira loucura me ter feito deixar Naples, onde eu estava rodeada destes mil confortos indispensaveis a uma senhora doente.

— Na verdade eu não comprehendo como podes lastimar ter deixado Napoles minha mae. Por mim, eu estava fatigado dos passeios monotonos, das conversações banaes que euchiam nossa vida, eu não lastimo senão os sorvetes. Napoles não tem nada que possa comparar a estas montanhas; vede estes mattos bravos de murtas, de aloes e de cactus, e depois estes pinheiros magestosos, e lá em baixo essa matta d'oliveiras...

— A oliveira é uma arvore que eu detesto; sua folhagem escura entristece a paizagem.

— Eu vos peço olhai para estas; a bri-

sa as agita e snas folhas parecem de prata Mas a Sra Cleveland não participava por forma do entusiasmo do seu filho.

— Eu estou muito fatigada para admirar tudo isto, disse ella com um suspiro O calor me opprime. Não chegaremos nunca a Staiti interrogai ao cocheiro.

G cocheiro levantou os hombros e, sem mesmo voltar-se respondeu a Horacio que se chegaria provavelmente pela noite.

— E' muito longo, disse o moço com máo humor. Não conheceis um lugar em que poosamos parar?

Si signor, replicou o cocheiro; e com a punta de seu chicote indicou um casebre no cume da collina de rochedos que os viajantes começavam a subir,

Eis ali o que é muito pittoresco mas que tem o ar terrivelmente italiano, disse Horacio a sua mãe; não ficaria bem ali.

